

## **“Se não tiver a barca, não é Peladão”: integração socioesportiva no espaço de representação do futebol do Peladão de Manaus/AM**

“If it doesn't have *barca*, it's not *Peladão*”: socio-sporting integration in the football representational space of *Peladão* in Manaus/AM

“Si no tiene *barca*, no es *Peladão*”: integración sociodeportiva en el espacio de representación del fútbol de *Peladão* en Manaus/AM

**Fernando Rossetto Gallego Campos**

Instituto Federal de Santa Catarina e Universidade Federal da Fronteira Sul

[fernando.campos@ifsc.edu.br](mailto:fernando.campos@ifsc.edu.br)

### **Resumo**

O *Peladão* é um grande e tradicional campeonato de futebol amador de Manaus, reunindo centenas de times e movimentando a cidade. Este artigo tem como objetivo analisar a *barca* e outros elementos do intercambio socioesportivo do *Peladão*, no contexto do espaço de representação do futebol. Através da análise de dez entrevistas, identificou-se os seguintes elementos de sociabilidade: Sopão do *Peladão*, Campanha “Faça uma Criança Sorrir” e a *barca*, além da mobilização das comunidades, bairros e da cidade como um todo. Constatou-se que a *barca*, celebração pós-jogo com comida, bebida e música, independentemente do resultado, é um elemento fundamental e singular da espacialidade do *Peladão*, bem como da vida cotidiana manauara.

**Palavras-chave:** Geografia. Futebol. Espaço. Cotidiano. Amazonas.

### **Abstract**

The *Peladão* is a huge and traditional amateur football championship in Manaus, bringing together hundreds of teams and mobilising the city. This article aims at analysing the *barca* and other elements of *Peladão's* socio-sporting exchange, in the context of the football representational space. Through the analysis of ten interviews, the following elements of sociability were identified: *Peladão's* Soup, the “Make a Child Smile” campaign and the *barca*, as well as the mobilisation of communities, neighbourhoods and the city as a whole. It was found that the *barca*, a post-match celebration with food, drink and music, regardless of the result, is a fundamental and unique element of the spatiality of *Peladão*, as well as of everyday life in Manaus.

**Keywords:** Geography. Football. Space. Everyday life. Amazonas.

### **Resumen**

El *Peladão* es un gran y tradicional campeonato de fútbol aficionado en Manaus, que reúne a cientos de equipos y mueve la ciudad. El objetivo de este artículo es analizar la *barca* y otros elementos del intercambio sociodeportivo del *Peladão*, en el contexto del espacio de representación del fútbol. A través del análisis de diez entrevistas, se identificaron los siguientes elementos de sociabilidad: la Sopa del *Peladão*, la campaña “Haz Sonreír a un Niño” y la *barca*, así como la movilización de las comunidades, los barrios y la ciudad en su conjunto. Se constató que la *barca*, celebración posterior al partido con comida, bebida y música, independientemente del resultado, es un elemento fundamental y único de la espacialidad del *Peladão*, así como de la vida cotidiana en Manaus.

**Palabras clave:** Geografía. Fútbol. Espacio. Vida cotidiana. Amazonas.

## Introdução

Disputado desde 1973, o Campeonato de Peladas do Amazonas, conhecido popularmente como Peladão, já foi considerado o maior campeonato de *peladas* do mundo<sup>1</sup>, sendo, portanto, grande expressão do futebol amador brasileiro e amazonense. A edição de 2024 teve 161 equipes inscritas na categoria Principal (masculina adulta, a partir dos 15 anos, também chamada de Peladão ou Aberta) (PELADÃO, 2024a). No ano em que a pesquisa de campo apresentada neste artigo, em 2008, fruto da tese do autor (GALLEGU CAMPOS, 2009), houve 359 times inscritos na categoria Principal. Considerando as demais categorias – Peladinho (jovens entre 12 e 14 anos); Master (a partir de 40 anos); Feminino (a partir dos 15 anos); Indígena Masculina; e Indígena Feminina –, foram 618 equipes de Manaus, além de outras 430 times do interior do Amazonas, computando cerca de 12 mil participantes (PELADÃO, 2008).

Apesar dos consideráveis números, da significativa abrangência sócio-espacial e de ser promovido por uma rede de comunicação particular, o Peladão mantém sua essência amadora, ficando o profissionalismo restrito aos funcionários da Rede Calderaro de Comunicação que organizam o campeonato. Além do torneio de futebol, o Peladão promove um concurso de beleza feminina, que elege a Rainha do Peladão. Tal concurso está vinculado ao próprio torneio de futebol, sendo mais um significativo elemento do espaço de representação do Peladão. Apesar de haver uma organização central, o Peladão se baseia na centralidade subterrânea<sup>2</sup>, já que o funcionamento do campeonato depende das equipes, que, entre outras coisas, são responsáveis pelos campos, arbitragem e preenchimento de súmulas. A dimensão orgiástica da socialidade<sup>3</sup> também pode ser observada em outro elemento ético-estético de fundamento trágico-dionisíaco<sup>4</sup> (MAFFESOLI, 2003; 2004; 2006), que é a barca. Esta é a reunião após o jogo, onde há a confraternização entre o time e a comunidade, regada a música, bebida (em geral alcoólica) e comida. Estes e outros

<sup>1</sup> Na época em que a pesquisa de campo foi feita, o Peladão de Manaus era o maior campeonato de peladas do mundo, mas foi ultrapassado pelo Peladão do Mato Grosso, que reuniu, em 2024, 288 times só de Cuiabá na categoria principal (GAZETA DIGITAL, 2024).

<sup>2</sup> Derivada da concepção do paradigma da socialidade, a ideia de centralidade subterrânea denota uma organização horizontal e reticular, através da qual as tribos se relacionam em seu interior e com outras tribos, a partir da potência (MAFFESOLI, 2006).

<sup>3</sup> Maffesoli (2004, 2006) afirma que a pós-modernidade inaugura o e é baseada no paradigma da socialidade, que se caracteriza pelo retorno ao local (localismo e presenteísmo), pelo tribalismo (de base solidária, comunitária e afetual) e pela montagem mitológica (de base trágico-dionisíaca, fortemente baseada no prazer de estar junto, no gozo coletivo – chamado pelo autor de orgiasmo).

<sup>4</sup> Baseado nas formulações de Nietzsche sobre os arquétipos da tragédia ática, Maffesoli (2003) associa a figura de Dioniso com a tragédia apócrifa, que se desenrola sem a busca de uma resolução, de um fim. O autor vincula esta ideia do sentimento trágico dionisíaco à socialidade pós-moderna, calcada na tribalização, no hedonismo, no orgiasmo e no ludismo. Já Apolo é atrelado ao drama, que se desenvolve em busca de uma solução, de uma projeção futura. Desta forma, o drama apolíneo é visto como expressão do pensamento moderno, racionalista e histórico, superado pela “passagem de um tempo monocromático, linear, seguro, o do projeto, a um tempo policromático, trágico por essência, presenteísta e que escapa ao utilitarismo do cômputo burguês” (MAFFESOLI, 2003, p. 9).

aspectos fazem com que o Peladão seja uma manifestação do espaço de representação do futebol amador amazonense que seja digna de uma atenção especial.

Este artigo tem como objetivo analisar a barca e outros elementos do intercambio socioesportivo do Peladão, no contexto do espaço de representação do futebol. Este conceito será brevemente apresentado a seguir, juntamente com discussões sobre a inserção do Peladão na vida cotidiana pós-moderna. Em seguida, apresentaremos e analisaremos os dados obtidos em entrevistas com dez atores socioespaciais do espaço de representação do futebol do Peladão, realizadas em 2008, em Manaus. As entrevistas foram todas presenciais, gravadas, transcritas e analisadas a partir de procedimentos da Análise de Discurso<sup>5</sup> (MAINGUENEAU, 2015; PÊCHEUX, 2015; ORLANDI, 2020). Os resultados foram discutidos com base em autores da Geografia e áreas relacionadas (SOJA, 1996; SHIELDS, 1999; LEFEBVRE, 2006; 2013; MAFFESOLI, 2004; 2006), os quais fundamentam este artigo. Ao retomarmos discussões realizadas anos atrás, partimos de uma abordagem regressivo-progressiva, com base em Lefebvre (2013), para apreender a produção do espaço através da compreensão do presente pelo passado e do passado pelo presente.

## Fundamentação teórica

O futebol transcende sua dimensão esportiva, sendo um complexo fenômeno sociocultural e construtor de uma instância própria da espacialidade, o espaço de representação do futebol (GALLEGOS CAMPOS, 2018a; 2018b). Este conceito é derivado das formulações de Lefebvre (2013) sobre a espacialidade e de Gil Filho (2003) sobre o redimensionamento do espaço de representação.

Segundo Lefebvre (2013, p. 86, tradução nossa) “*O espaço (social) é um produto (social)*”<sup>6</sup>. Fugindo de uma possível leitura economicista desta afirmação, interpretamos que se o espaço é produzido, ele o é não somente pelas forças econômicas, mas também pelas questões culturais, simbólicas, políticas e outras. Além disso, o próprio espaço é um elemento produtor da sociedade não somente pelas oportunidades naturais e/ou econômicas que oferece, mas também, e neste caso principalmente, por seus elementos simbólicos, que permitem que uma sociedade se signifique, se perpetue e tenha uma coerência. Entretanto, este fundamento simbólico (nunca isolado das demais dimensões) se encontra não fora da teoria espacial lefebvreana, mas em seu cerne.

Lefebvre (2013), em sua dialética da triplicidade, no que Soja (1996) chama de trialética, aponta o caráter tríade da espacialidade, composta por três instâncias coexistentes e

<sup>5</sup> “A Análise de Discurso visa compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2020, p. 24). Considera, portanto, as condições de produção do discurso pelo enunciador (contexto imediato e contexto sócio-histórico e ideológico), relação com outros discursos e com os não-ditos, entre outros fatores.

<sup>6</sup> “*El espacio (social) es un producto (social)*” (LEFEBVRE, 2013, p. 86).

interdependentes: prática espacial (espaço percebido), representações do espaço (espaço concebido) e pelos espaços de representação (espaço vivido). A prática espacial é a instância das relações materiais e objetivas, e na qual ocorrem as relações de reprodução (SHIELDS, 1999; LEFEBVRE, 2013). As representações do espaço, fundamentalmente racionais e ordenadas, se referem às relações de produção e suas consequências, sendo “o espaço dominante em qualquer sociedade” (LEFEBVRE, 2013, p. 97). Finalmente, como terceiro termo na tríade espacial, os espaços de representação se expressam como elemento de diversidade e negação da instância das representações do espaço (SHIELDS, 1999). Referem à dimensão da experiência plenamente vivida, sendo, portanto, a instância simbólica da espacialidade, na qual o ser humano se autorrepresenta a fim de buscar seu prazer e autenticidade, esquivando-se das práticas alienantes e, assim, experienciando momentos de presença<sup>7</sup> (LEFEBVRE, 2006; 2013). Para Soja (1996), esta instância da espacialidade combina o real e o imaginário e está inserida nas epistemologias do Terceiro Espaço.

Considerando este caráter simbólico dos espaços de representação e que eles são múltiplos, como afirma Shields (1999), propomos o uso do conceito de espaço de representação do futebol (ver GALLEGOS CAMPOS 2018a; 2018b). Ele é composto por categorias centrais (fato futebolístico, prática social do futebol e relações); categorias de mediação (símbolos, mitos, discursos e estruturações identitárias futebolísticas); além dos reinos (da organização, das emoções e do *ethos* futebolístico); e se relaciona com outros espaços de representação e com as demais instâncias da espacialidade.

A apropriação destes elementos listados acima é capaz de produzir uma grande diversidade de territorialidades e de configurações simbólicas do espaço de representação do futebol. Neste sentido, é um conceito capaz de abranger as modulações tanto do futebol profissional quanto do amador<sup>8</sup>, como é o caso do Peladão, cujo espaço de representação se caracteriza, em linhas gerais, por quatro aspectos. O primeiro é o hibridismo e modulações entre as matrizes bricolada, comunitária e espetacularizada, nos termos de Damo (2007)<sup>9</sup>, o que pode ser observado pela

<sup>7</sup> Momentos plenamente vividos (LEFEBVRE, 2006) e que, portanto, rompem com a vida cotidiana, que é fundamentalmente alienada, na perspectiva de Lefebvre (2008).

<sup>8</sup> Nossa concepção de futebol amador tem base em Tamburrini (2001), que realiza uma distinção entre o esporte profissional e amador. Para este autor o atleta amador não é aquele que não obtém nenhum benefício econômico com sua prática esportiva, mas aquele que não tem um contrato formal com alguma instituição esportiva. O amador pode praticar o futebol por puro prazer ou mesmo em busca de reconhecimento simbólico e até financeiro, mas não tem vínculo profissional com nenhum clube.

<sup>9</sup> Damo (2007) identifica quatro matrizes com características próprias quanto à organização e significações do futebol: bricolada; espetacularizada; comunitária; e escolar. A matriz bricolada se refere às práticas futebolísticas que admitem grandes variações e adaptações das regras do futebol institucionalizado, tendo caráter livre e informal. A matriz espetacularizada se caracteriza pela institucionalização, divisão social do trabalho (dentro e fora do campo), e foco no resultado, sendo a forma dominante de prática e de veiculação midiática no Brasil e no mundo e, assim, referência para as demais matrizes. Já a matriz comunitária, segundo Damo (2007), é uma das modulações do futebol que se encontra

associação do futebol amador (não contratual e de base lúdica) com a competitividade e espetacularização (há forte investimento em remuneração e estrutura, além de cobertura midiática, jogos decisivos transmitidos e final na Arena Amazônia), além da existência de regras adaptadas (como laterais com os pés, ausência de impedimento, tempo menor de partida, proibição de chuteira em alguns campos). O segundo é a organização horizontal, através da centralidade subterrânea (MAFFESOLI, 2006), já que os times são responsáveis pela organização dos campos, arbitragem e equipamentos, e seus participantes comumente assumem mais de um papel (dirigente, jogador, árbitros, etc.). O terceiro é a associação ao concurso de beleza Rainha do Peladão, pois é obrigatório que cada time inscreva uma candidata a Rainha, a qual deve desfilar na abertura e, eventualmente, em outras fases, podendo ajudar o time a avançar na competição esportiva, mesmo quando eliminado dentro de campo. O quarto é integração socioesportiva, de caráter comunitário e proxêmico<sup>10</sup>, que tem sua principal expressão a barca – reunião de confraternização pós-jogo, regada a música, comida e bebida. Estes quatro aspectos se conformam no contexto da produção do espaço de Manaus e na emergência da vida cotidiana pós-moderna, manifestada pelo paradigma da *socialidade* – caracterizado por redefinições identitárias, tribalismo, localismo, montagem trágico-dionisíaca (MAFFESOLI, 2006) – e pela circulação de representações sociais - forma de elaboração e comunicação de conhecimentos populares e cotidianos (MOSCOVICI, 2003).

## Intercâmbio socioesportivo

Você vê, de repente, são 10.000 pessoas se mexendo pra um lado e pra outro numa sociedade. Pra quê? Pra se divertir? Tudo bem. É aquela bola que está em movimento, mas veja quantas coisas acontecem pra chegar naquela bola ali. Esse é o espírito do Peladão, é dar as mãos. (Informação verbal)<sup>11</sup>.

O terceiro objetivo do Peladão, segundo seu regulamento, é aquele que sintetiza os demais: “desenvolver o intercâmbio sócio-desportivo entre os participantes” (PELADÃO, 2024b, s/n). Entretanto, para se atingir este objetivo não há normas e regulamentos além daqueles acerca dos torneios de futebol, do concurso de Rainha e do Código Disciplinar. Isto porque tal objetivo não se pode atingir de maneira isolada, através de medidas específicas, mas sim através do modo como se organizam – sobretudo pela centralidade subterrânea (MAFFESOLI, 2006) – as manifestações do espaço de representação do Peladão. Desta forma, a ingerência da organização do Peladão para o cumprimento do objetivo de intercâmbio socioesportivo é limitada, mesmo apresentando algumas

---

entre as matrizes bricolada e espetacularizada, ocorrendo “em espaços mais padronizados do que a da bricolagem, mas sem a ortodoxia do sistema Fifa-IB” (DAMO, 2007, p. 45).

<sup>10</sup> A proxémia se refere a uma trama comunitária, de fundamento tribal e que necessita de uma base territorial. Ela se manifesta pela valorização do relacional do ser humano com seus semelhantes e com suas construções simbólicas, dentre elas suas territorialidades (MAFFESOLI, 2004).

<sup>11</sup> ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor.** Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

ações significativas, tais como a campanha “Faça uma criança sorrir”, o Sopão do Peladão e o Troféu de Melhor Torcida. Apesar disto, o discurso dos organizadores produz um efeito de sentido de que este é o objetivo maior do Peladão. Arnaldo Santos, diretor geral do Peladão, adiciona à convivência social a questão da promoção da cidadania: “O objetivo, o fim não é o jogo, é a cidadania. É tudo que cerca” (Informação verbal)<sup>12</sup>. Já o discurso de Sérgio Paulo Fernandes da Silva, supervisor do Peladão, se aproxima mais de, nos termos de Maffesoli (2003; 2004; 2006), um *ethos* de socialidade, do orgiasmo e do sentimento trágico-dionisíaco, mas também, nos termos de Lefebvre (2006), dos momentos de presença, pois atribui ao Peladão a condição de movimentar a vida cotidiana (pós-moderna) de Manaus, bem como de promover amizades, tribos<sup>13</sup> e territorialidades: “Nosso torneio é pra fazer a cidade se movimentar. Mexer com a cidade e produzir um tipo de amizade. Tem sempre dado certo, nestes anos todos, da gente fazer amigos e movimentar a cidade todinha. [...]. Graças a Deus, até hoje funcionou” (Informação verbal)<sup>14</sup>. Sidniz Pereira da Silva Filho, coordenador administrativo do Peladão, corrobora o discurso de Arnaldo e de Sérgio Paulo, mas estende as territorialidades do espaço de representação do Peladão a todo o estado do Amazonas.

De início quando surgiu a ideia, lá com o fundador da rede, Umberto Calderaro Filho, de integrar a cidade e hoje nós estamos integrando o estado. Numa área abrangente que vai desde o jovem, da criança no Peladinho, da Rainha Mirim até o idoso já, o adulto já com experiência formada que é o Master. Então ele tem essa especificidade no sentido que todas as camadas sociais e quase que todas as faixas etárias masculina e feminina, ela é participante do Peladão. Por um lado esportivo ou por um lado de beleza. (Informação verbal)<sup>15</sup>.

Além de destacar a expansão das territorialidades do espaço de representação do Peladão para todo o estado, o discurso de Sidniz enfatiza a participação popular de diferentes faixas etárias e de renda no Peladão. Este discurso de que o Peladão abarca toda sociedade manauara através do torneio de futebol e concursos de beleza, além das participações indiretas (torcida, acompanhamento das Rainhas, etc.) faz parte da formação discursiva<sup>16</sup> dos organizadores do

<sup>12</sup> ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor.** Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>13</sup> Maffesoli (2004; 2006) utiliza a metáfora das tribos – ou do neotribalismo pós-moderno – para exprimir a mudança na lógica das relações coletivas de uma estrutura mecânica, composta por grupos contratuais e indivíduos com funções fixas, para uma estrutura orgânica em que os indivíduos são substituídos por pessoas, que adotam múltiplas identidades e papéis e fazem parte de uma grande massa, que, por sua vez, se divide em tribos. Estas possuem como característica lógica territorial e fusional (através de pulsões gregárias), “ajuda mútua, compartição dos sentimentos, ambiente afetuoso” (MAFFESOLI, 2004, p. 24).

<sup>14</sup> SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor.** Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

<sup>15</sup> SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor.** Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

<sup>16</sup> Para Maingueneau (2015, p. 81) formação discursiva é “um sistema de restrições invisíveis, transversal às unidades tópicas”. Para Orlandi, “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. No caso do espaço de representação do futebol uma das questões que se impõem é o papel ou os papéis assumidos pelo enunciador.

Peladão, inclusive ao diretor de marketing corporativo do Grupo Calderaro, Dissica Tomaz Calderaro. Ele aponta que o Peladão promove o convívio e a união familiar.

Porque o Peladão, hoje, pega desde a criança, pra jogar o Peladinho; pega a moça, a adolescente, que disputa como a Rainha; o namorado ou o irmão, que joga o Peladão; é o pai, que joga o Master; é a irmãzinha, que disputa a Rainha Mirim; é a mãe, que pode jogar o futebol feminino. Então, é a integração da família. E é através do futebol. [...]. Imagine uma cena, numa reunião, no dia de sábado, em casa, acordaram, tomaram café reunidos e todo mundo saiu pro Peladão. Cada um pro seu: o pai de família pra jogar o Master, o outro pra jogar o Peladão, outra pra disputar o Concurso de Rainha. E é uma forma de integrar pessoas. [...]. Ele causa, realmente, integração entre as pessoas. (Informação verbal)<sup>17</sup>.

Apesar de os organizadores do Peladão demonstrarem, através de seu discurso, o reconhecimento da amplitude das territorialidades do espaço de representação do Peladão não apenas em termos extensão territorial (Amazonas), mas também em intensidade (na cidade de Manaus), a redação do Regulamento limita o objetivo de intercâmbio socioesportivo apenas aos participantes, mas a movimentação e a integração social ocorrem de maneira mais ampla, abrangendo familiares, bairros como um todo, comércio, etc. Esta prática social (do futebol, mas não apenas dele) que o espaço de representação do Peladão propicia é construída a partir de – nos termos de Maffesoli (2006) – tribos, comunidades e até grupos contratuais, que se apropriam cotidianamente de seus elementos simbólicos. Assim, o Peladão fomenta, nas palavras de Maffesoli (2004; 2006), a proxemia e o orgiasmo através das barcas, cria redes de relações sócio-espaciais de matriz comunitária, política ou econômica. Tais territorialidades se configuram na vida cotidiana sem a interferência direta da organização do Peladão, o que demonstra o caráter de socialidade que possuem os elementos do espaço de representação do Peladão. Algumas das territorialidades são expressas no discurso de um dos jogadores do Peladão, José Virgílio Melo de Albuquerque: “O Peladão, na verdade, mexe com a cidade toda. A cidade toda, quando começam as rodadas, o final de semana fica muito agitado. Na cidade toda, em todos os campos da cidade tem jogo. Então, quer dizer, jogo na cidade toda, a torcida indo direto” (Informação verbal)<sup>18</sup>. Assim, é possível afirmar que os elementos do espaço de representação do Peladão são cotidianamente apropriados, em diferentes graus e de formas diversas, tanto por aqueles que têm participação direta (participantes, Rainhas, organizadores, etc.) quanto por aqueles que são afetados indiretamente pelo Peladão (fornecedores de material esportivo, distribuidores de bebida, comerciantes, etc.). Sidniz Pereira da Silva Filho expressa a satisfação de contribuir com a organização de um campeonato amador que transcende sua condição esportiva e mobiliza a vida cotidiana de toda a cidade: “Profissionalmente pra nós é muito bom e pessoalmente é um motivo de a gente se orgulhar de estar envolvido com um

<sup>17</sup> CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

<sup>18</sup> ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

evento que mobiliza Manaus durante o segundo semestre não só com participação dos atletas, mas o que movimenta em volta disso" (Informação verbal)<sup>19</sup>. O discurso de Sidniz está de acordo com o de Arnaldo Santos, que explica que a mobilização social é inerente ao modo horizontal através do qual o Peladão é organizado.

Este ano deve ter uns 10.000, 12.000 atletas. Poxa! 12.000 atletas não entram em campo se não tiver uma camisa, um calção, um meião, às vezes a chuteira, às vezes pé no chão ou tênis, tudinho. Tudo isso alguém passou, alguém comprou, alguém fez. [...]. Que ao ser usado – repare só a extensão disso –, no outro dia, alguém vai ter que lavar, vai ter que passar ferro, que gastou água, que gastou sabão, que gastou tempo. Veja como é que nasce a participação e o emprego indireto. Os campos onde se realiza o Peladão, um mundo de gente vendendo guloseimas. (Informação verbal)<sup>20</sup>.

O discurso de Arnaldo Santos ressalta a movimentação econômica que o Peladão propicia. No caderno semanal especial do Peladão, do Jornal A Crítica, em sete reportagens, o jornalista Emanuel Mendes Siqueira destaca como o Peladão fomenta a microeconomia das comunidades manauaras (A CRÍTICA, 2008; 2009). O jornalista utiliza os exemplos de uma fornecedora local de materiais esportivos que tem em sua cartela de clientes mais de 80 equipes do Peladão, bem como o de um fotógrafo autônomo cuja renda vem de tirar e comercializar fotografias dos jogos do Peladão. Além disso, demonstra como a venda de comidas (churrasquinho, cachorro quente, etc.) e de bebidas (refrigerante, cerveja, batida, etc.) aumenta de maneira considerável nos dias de jogos, sobretudo os decisivos, nos quais a presença das torcidas é maior. José Roberto Moreira da Rocha, secretário do Tribunal de Justiça Desportiva do Amazonas, destaca a importância desta movimentação econômica propiciada pelo Peladão para a vida cotidiana das comunidades.

Todas essas pessoas terceirizadas, são empregos indiretos que cria o Peladão. Se observar a comunidade vai lá bota a sua banquinha de churrasco, ganha o seu dinheiro e aplica no mercadinho próximo da sua casa. Aquele ali já abriu um mercadinho, um espaço, uma coisa importante pra comunidade. (Informação verbal)<sup>21</sup>.

Desde micro até grandes empresas, que querem expor suas marcas e produtos, encontram oportunidade no Peladão, seja dando o seu nome a um time – como é o caso da Semp Toshiba e do Lanche Jacaré – seja apenas patrocinando uma equipe. Além dos jogos movimentarem a economia local, as barcas – através do comércio de bebidas e alimentos – e o concurso de Rainha – através dos salões de beleza, cosméticos, etc. – também contribuem de maneira importante. Porém, Sidniz da Silva Filho destaca mais duas formas de como o torneio de futebol do Peladão movimenta a economia da cidade: através do aluguel dos campos e da remuneração de comissões de arbitragem.

<sup>19</sup> SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

<sup>20</sup> ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>21</sup> ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

E isso também, financeiramente, é uma das fontes de renda que o Peladão proporciona. Tem equipe de arbitragem aí que semanalmente a equipe de arbitragem tem uma taxa de 100, 120 reais. Aí o árbitro recebe R\$ 60 pela partida, cada fiscal de linha mais o comissário recebe R\$20. Então também tem uma mobilização financeira do poder financeiro dessa comunidade esportiva do Peladão. [...]. Aí, a mobilização da comunidade também é maior. A equipe daquele dono de campo que tem um campo bom que as equipes alugam pra jogar, o retorno financeiro dele também passa a ser maior. Ele alugava uma hora por R\$100, ele vai passar a alugar uma hora e meia, que é o que determina o regulamento, por 120, 140, 150 reais. Então mais uma vez o Peladão economicamente movimenta um giro financeiro maior na cidade. (Informação verbal)<sup>22</sup>.

Muitas destas atividades econômicas são possíveis somente devido à horizontalidade da organização do Peladão. A responsabilidade que as equipes possuem em relação ao mando de campo e à arbitragem são exemplos de como a potência, força horizontal que move as comunidades afetuais (tribos e massas), através da centralidade subterrânea (MAFFESOLI, 2006), propicia a criação de relações sócio-espaciais e territorialidades próprias do Peladão. Além de contribuir para a movimentação da economia das comunidades, a centralidade subterrânea promove e é propiciada por uma informalidade que perpassa simbolicamente os elementos do espaço de representação do Peladão. Dissica Tomaz Calderaro explica que esta informalidade possui dois pontos de ancoragem: a confiança que os participantes depositam no Peladão e a qualidade da organização do torneio de futebol, do concurso de Rainha e todos os outros eventos promovidos pelo Peladão.

A questão da informalidade, ela existe, mas eu te diria que ela só existe porque existe confiança. [...]. E ter um campeonato extremamente organizado. Isso também é importantíssimo. [...]. Informal sim. Informal, eu acho que ele é. Informal, provavelmente ele seja, mas porque o povo dá condição pra que a gente seja informal. (Informação verbal)<sup>23</sup>.

A informalidade, pautada no lúdico<sup>24</sup>, na razão sensível<sup>25</sup> e no sentimento trágico-dionisíaco (MAFFESOLI, 1998; 2003; 2004; 2006), todavia, não impede que a organização do Peladão também tome algumas medidas práticas no que se refere ao intercâmbio social e desportivo. Há duas ações organizadas pela coordenação do Peladão, pautadas na filantropia: a campanha “Faça uma criança sorrir” e o Sopão do Peladão.

A primeira, se refere a doações de bolas para instituições que abrigam crianças carentes. Os cartões amarelos tomados pelos jogadores, no torneio de futebol, podem ser permutados por bolas –

<sup>22</sup> SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

<sup>23</sup> CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal

<sup>24</sup> Aqui o lúdico se refere tanto à fundamentação da montagem mitológica trágico-dionisíaca, em Maffesoli (1993), quanto as formulações de Huizinga (2007) sobre o lúdico, dentre elas o rompimento com a realidade (criação de uma espacialidade e temporalidade próprias), o lazer e o ócio.

<sup>25</sup> A razão sensível, sinergia entre razão e emoções, é baseada na experiência, no coletivo e na vivência. Ela vem substituindo o racionalismo – alicerçado no individualismo e na história – pela experiência do mundo vivido coletivamente através de laços afetuais, pela sinergia entre a matéria e o espírito, pelo politeísmo de valores, pela montagem mitológica, pelo sentimento trágico da vida, pela ética da estética (MAFFESOLI, 1998, 2003).

“do tamanho da bola de futebol campo e deverá estar cheia, bola murcha não será recebida” (PELADÃO, 2024, s/n) –, assim, absolvendo de punições o jogador do time doador. Na primeira fase, cada cartão amarelo corresponde a dez bolas. Na medida em que o campeonato vai passando de fases, cada cartão amarelo vai aumentando seu valor em bolas, de 10 em 10, de modo a chegar à quarta fase valendo 40 bolas. A troca dos cartões por bolas não é obrigatória, mas a adesão entre os participantes é grande. Em 2008, o Peladão arrecadou, somando todas as categorias, 8.860 bolas, que foram disponibilizadas para os próprios times doarem a instituições locais (Figura 1).



**Figura 1 - Relações sócio-espaciais do Peladão**

Fonte: Da esquerda para a direita - (01) A Crítica, 2008; (02) Emanuel Mendes Siqueira.

Legenda: (01) Doação das bolas arrecadadas no Peladão; (02) Distribuição do Sopão do Peladão.

A segunda ação social promovida pela organização é o Sopão do Peladão. Em todas as sextas-feiras de dezembro, em frente à Coordenação do Peladão, no centro de Manaus, os membros da organização distribuem gratuitamente copos de 500 ml de sopa de carne e legumes e pães franceses para a comunidade em geral (participantes do Peladão, transeuntes, moradores de rua, etc.) (Figura 1). A quantia distribuída é de cerca de 500 porções por dia. Os ingredientes são doados pelos times. Em 2008, 48 equipes, de diferentes categorias, patrocinaram o Sopão do Peladão.

Além das ações sociais, a organização do Peladão, para incentivar a integração socioesportiva, premia, anualmente, a melhor torcida do campeonato. Os organizadores distribuem formulários para a comunidade escolher a vencedora. Geralmente, são considerados critérios como animação, organização, vibração, mas também são levados em conta o respeito às regras, a não-violência, entre outros requisitos, para que a pulsão gregária e o orgiasmo das tribos (MAFFESOLI, 2006) se conciliem com a convivência social pacífica e lúdica.

## **Barca**

A barca nada mais é do que a reunião após os jogos pra tomar aquela cervejinha, pra comer aquele churrasquinho. (Informação verbal)<sup>26</sup>.

Entretanto, é espontaneamente que se constitui o mais significativo elemento simbólico de momento de presença (LEFEBVRE, 2006), hedonismo e sentimento trágico-dionisíaco (MAFFESOLI, 2003; 2004; 2006) do espaço de representação do Peladão: a barca, que é a confraternização que ocorre, invariavelmente, após cada jogo, independentemente do resultado. Este elemento simbólico de socialidade se tornou consuetudinariamente obrigatório para todos os times. José Carlos Pereira Cavalcante – organizador do Peladão, dirigente do Apolo e jogador da categoria Master – explica que a barca além de ser um elemento simbólico distintivo do espaço de representação do Peladão, faz parte de sua própria essência. Por isso, este ritual trágico-dionisíaco, regado à música, bebida e comida, é comum entre os times com mais condição financeira e também entre os mais modestos: “Se não tiver barca não é Peladão. Dificilmente, uma equipe deixa de fazer sua barquinha por mais humilde, nos finais de cada jogo” (Informação verbal)<sup>27</sup>. O discurso de José Carlos, apesar de fazer parte de uma formação discursiva híbrida, pois o enunciador possui vários papéis no espaço de representação do Peladão, produz efeitos de sentido<sup>28</sup> idênticos aos dos participantes e dos organizadores do Peladão. Virgílio também destaca a obrigatoriedade da barca após todo jogo, independentemente do resultado, para que o ritual do Peladão seja pleno: “Todo jogo tem barca. Tem que ter a barca dos boleiros. Se não tiver a barca, não é Peladão, com certeza. Não falta barca aqui nessa cidade” (Informação verbal)<sup>29</sup>. Ao afirmar que não falta barca em Manaus, Virgílio está expressando a pervasividade das territorialidades produzidas a partir deste elemento simbólico. Se cada time organiza sua própria barca, apenas na Categoria Principal, são mais de 400 confraternizações que ocorrem em apenas um final de semana. Isto demonstra que o Peladão mobiliza a cidade e constrói territorialidades não apenas através do fato futebolístico, ou seja, do jogo em si, mas também através das barcas, celebrações que ocorrem em bares, em clubes, em casas de dirigentes, treinadores, jogadores e, às vezes, chegam a fechar ruas (Figura 2). Outro ponto interessante no discurso de Virgílio é que ele se refere à barca como *a barca dos boleiros*, ou seja, a celebração dos jogadores e, em menor medida, dos treinadores e dirigentes. O efeito de sentido de que a barca é dos jogadores não apenas é uma forma de se construir uma estruturação

<sup>26</sup> CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor.** Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>27</sup> CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor.** Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>28</sup> O discurso não é meramente “transmissão de informação”, mas “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2020, p. 19-20). Maingueneau (2015, p. 29) adverte que “o sentido que se trata aqui não é um sentido diretamente acessível, estável, imanente a um enunciado ou a um grupo de enunciados que estaria esperando ser decifrado: ele é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas”.

<sup>29</sup> ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor.** Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

identitária, mas também um reflexo de uma maneira de organização destas celebrações. Geralmente, as barcas são oferecidas, sobretudo nos times grandes, pelos dirigentes e patrocinadores aos jogadores e para a comunidade em geral. Portanto, a representação social de que a barca é dos *boleiros* tem sua ancoragem na imagem de que ela é oferecida para os jogadores, uma vez que sem eles não haveria jogo nem, consequentemente, barca.



**Figura 2 – Barca do Apolo**

Fonte: O autor, 2008.

Entretanto, a barca é também de toda tribo, dos familiares dos jogadores e da vizinhança, pois ela não tem como premissa a celebração de uma vitória, mas do próprio estar-junto propiciado pelo futebol. Isto demonstra o caráter orgiástico e hedonista do Peladão, no qual o importante não é o resultado, mas sim o lúdico, a pulsão gregária, os momentos de presença que a reunião em torno de um campo de futebol, da casa de um dirigente ou de uma mesa de bar – territórios futebolísticos simbólicos do espaço de representação do Peladão – proporciona. A barca, portanto, é um momento de celebração, um ritual de base dionisíaca, pois se fundamenta no presenteísmo, no gozo e no transe (MAFFESOLI, 2003; 2004; 2006) a partir da comida – churrasco, feijoada e, geralmente, sopa – e, principalmente da bebida alcoólica, conforme define Sidney Netto, professor da UFAM e pesquisador do Peladão: “Então essa barca é isso daí, é a parte social etílica da competição” (Informação verbal)<sup>30</sup>. Kid Mahall – coordenador do concurso de Rainha do Peladão, mas que já foi dirigente de clube e, portanto, participou da organização de barcas – qualifica este instante eterno<sup>31</sup> como o *a hora da verdade* para os participantes do Peladão, pois por mais que o fato futebolístico se paute no lúdico, sempre carrega uma tensão. A barca não. Ela é o momento de pleno gozo.

Por mais humilde que seja o time, ou ele vai de barril de chope à batida, à cachaça, mas o importante é que eles fazem a brincadeira depois da partida de futebol se ganha ou se perde. [...]. Mas essa barca, ela é a hora da verdade pra eles, onde eles criticam, eles debocham, se divertem, pra ver: eles fazem tudo naquele instante. Que antes do jogo, eles só pensam no jogo. Depois do jogo, na barca, é o lazer. [...] É coisa assim de estar na frente da casa do

<sup>30</sup> NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

<sup>31</sup> Maffesoli (2003, p. 8) usa a expressão *instantes eternos* para se referir aos encontros aqui-agora promovidos pelas festas, pelo e no espaço, de fundamento trágico-dionisíaco e tribal, “dos quais se pode tirar o máximo de gozo”.

presidente, aí puxa uma mangueira e aí os caras se molham; aí já está lá a cerveja gelando; a esposa do presidente já fez aquele panelão de sopa. (Informação verbal)<sup>32</sup>.

No discurso de Kid Mahall estão presentes, além da música, os mais importantes elementos que constituem a barca: a comida, a bebida, a confraternização, o orgiasmo, além da conversa sobre o jogo. Estes comentários feitos criam ricas representações sociais acerca do time, do juiz e do próprio campeonato. Assim, diferentemente do que ocorre, de maneira geral, com o futebol profissional, em que a mídia tem o papel de propagar representações sociais e discursos acerca do jogo, no Peladão estas representações sociais são criadas nas barcas. José Carlos Pereira Cavalcante destaca as discussões ocorridas na barca e afirma que, por serem compostas pelos mesmos elementos, as barcas promovem igualdade entre os times.

E isso aí não existe time grande, não existe time pequeno. Eles se igualam. Eles se diferenciam apenas na quantidade. Os com melhores condições comem um pouco mais, bebem um pouco mais. E os de menores condições bebem um pouco menos e comem um pouco menos. Mas que a festa, a barca é a característica do Peladão. Todos os jogos, independentemente onde seja e com quem quer que seja, existe a barca. A chamada barca, que é a reunião após os jogos pra questionar quem errou, quem acertou, reclamar do juiz, culpar A, culpar B. (Informação verbal)<sup>33</sup>.

Se todos os times compartilham dos mesmos elementos simbólicos das barcas, construindo territorialidades em suas comunidades, há não apenas uma variação de quantidade de comida e bebida, mas também de qualidade. Se a bebida alcoólica é elemento obrigatório, sobretudo a cerveja, a comida varia de acordo com a condição econômica das equipes. Sidney Netto relata as discrepâncias que notou ao ir a campo observar as barcas: “Tem lugar que você vai e é uma fartura desgraçada. Tem o que você imagina, tem o cara servindo churrasco, tem cerveja gelada... Você vai num outro lugar que você pega uma caneca, os caras enchem de sopa e você toma aquela sopa” (Informação verbal)<sup>34</sup>. Apesar do efeito de sentido negativo produzido pelo discurso de Sidney Netto acerca da sopa, ela acaba sendo o principal símbolo gastronômico da barca, atraindo, além dos participantes do fato futebolístico, outras pessoas da comunidade do Peladão ou do bairro. Sidniz Pereira da Silva Filho chama estas pessoas de *bicões* e incluem os próprios membros da coordenação do torneio nesse meio. Isto demonstra que as territorialidades da socialização do Peladão transcendem as tribos locais (os times ou a vizinhança), abarcando também uma grande massa (ver MAFFESOLI, 2006), como os organizadores do Peladão e demais pessoas que não fazem parte do time ou moram no entorno dos locais onde são realizadas as barcas.

<sup>32</sup> MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>33</sup> CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>34</sup> NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

Barca é um encontro que eles fazem depois do jogo, é um sopão, um cozidão, após o jogo perdendo ou ganhando, eles voltam pra onde eles se reúnem e lá alguém está fazendo essa alimentação e não é só pros atletas, aparecem muitos bichões. Às vezes, até nós da coordenação vamos lá, tomar um caldo, uma sopa, enfim participar. Até na comunidade em volta de onde é feito esse serviço vende a cerveja, vende o refrigerante, vende o dindin que é o suco gelado, né, o geladinho. E isso tem no Peladão. (Informação verbal)<sup>35</sup>.

O discurso de Sidniz destaca a mobilização social e espacial que a barca promove. Assim como o fato futebolístico, este momento de reunião pode se converter em oportunidades econômicas para a comunidade. Quanto maior for a importância simbólica do time na comunidade maior a participação desta. Assim, as territorialidades das equipes em suas comunidades e em Manaus pode ser observada através das barcas. Conforme as palavras de José Carlos Pereira Cavalcante a comunidade se transforma em torcida e se integra “de corpo e alma”, ou seja, de maneira trágico-dionisíaca ao Peladão, seja nos jogos seja nas barcas.

Não resta dúvida. A torcida, muitas vezes, se você observar, aquela barca mais forte, a torcida inclusive é maior. E muitas vezes essa comunidade, essa torcida colabora: um dá uma grade, outro dá meia grade. Quer dizer, a comunidade se integra mesmo ao Peladão. Se integra de corpo e alma: uns se oferecem pra lavar os equipamentos, outro se oferece pra levar o gelo, outro se oferece pra dar, às vezes, a laranja. Quer dizer, é uma sociedade, realmente, formada de forma espontânea. (Informação verbal)<sup>36</sup>.

O discurso de José Carlos Pereira Cavalcante revela o *ethos* (futebolístico, mas não somente) de socialidade que o Peladão possui. Ele promove, em seu espaço de representação, relações sócio-espaciais, estruturações identitárias e territorialidades extremamente significativas, tendo a barca como um dos seus principais fatores gregários e que constituem a centralidade subterrânea do Peladão. O caráter proxêmico das barcas pode ser observado no peso simbólico que ela tem perante os participantes. Para estes não importa apenas disputar o mais significativo campeonato de futebol do Amazonas<sup>37</sup> ou mesmo pleitear a premiação oferecida, mas também são valorizadas as possibilidades de reconhecimento pela comunidade – através, sobretudo, do fato futebolístico – e as oportunidades de socialização e de celebração – através, principalmente, do orgiasmo das barcas. Contradicitoriamente, o Peladão foi concebido para retirar os manauaras dos bares e colocá-los nos campos de futebol, conforme explica Dissica Tomaz Calderaro, neto de Umberto Calderaro Filho, idealizador e fundador do Peladão.

A ideia dele, na cabeça dele, o que ele queria era tirar o chefe de família, ou o pai de família, do bar, na sexta-feira; fazer a integração entre os amigos, poder reunir os amigos da rua, das suas ruas, do bairro, das empresas em prol do esporte; colocar esses pais de família no esporte, tirando eles do bar. Na cabeça dele, nas conversas que a gente tinha, ele dizia que era uma forma de o pai de família não gastar dinheiro com cerveja e guardar o dinheiro

<sup>35</sup> SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

<sup>36</sup> CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>37</sup> Esta condição foi apontada pelos entrevistados, inclusive por aqueles envolvidos tanto em campeonatos amadores quanto em campeonatos profissionais.

pro final de semana, em casa, pra comprar comida pra sua família e esse tipo de coisa. (Informação verbal)<sup>38</sup>.

O cumprimento do objetivo de levar os homens a se sociabilizar através do esporte não pode ser contestado, dada quantidade de participantes do Peladão. Entretanto, o afastamento dos homens dos bares é verificado apenas parcialmente. Se por um lado as barcas apresentam como um de seus territórios preferenciais os bares e as bebidas alcoólicas como elementos simbólicos obrigatórios, por outro este consumo de álcool se dá em um outro contexto – de grande participação comunitária e, inclusive, familiar. Apesar da coincidência de alguns elementos, frequentar as barcas não é a mesma coisa do que frequentar bares, pois as barcas estão imersas em um espaço de representação vinculado ao futebol – que apresenta uma ética diferente, assim como práticas sociais, relações e símbolos diversos daqueles observados no *bar pelo bar*. Mesmo assim, não se podem ignorar as territorialidades construídas a partir do bar como território de sociabilização dos participantes do Peladão, conforme explica José Virgílio Melo de Albuquerque:

Nossa, a barca. A barca não tem como... A barca, quando acaba o jogo, vai parar só no outro dia mesmo. Quando o pessoal começa a beber, não quer mais parar de beber. É muita cerveja e muito churrasco, e muito pagode. [...]. Tem os barzinhos já separados já, à beira do campo mesmo, um barzinho próximo a uma pracinha. O pessoal lá começa a beber, comer e pagode rolando no centro. (Informação verbal)<sup>39</sup>.

Os efeitos de sentido de valorização simbólica da barca presentes no discurso de Virgílio são típicos não apenas da formação discursiva dos participantes do Peladão, mas também dos organizadores e da comunidade. No entanto, entre os profissionais, as representações sociais acerca das barcas são negativas. José Luiz Carlos da Silva, auxiliar técnico do Nacional Futebol Clube (clube profissional de Manaus), reconhece a dimensão da socialidade como motivo fundamental para os jogadores preferirem o Peladão ao futebol profissional:

Jogadores preferem jogar o Peladão ao Campeonato Amazonense. Não pela remuneração, apesar de alguns ganharem até mais. É mais pela barca, a diversão de estarem jogando, de estar no meio social – todo mundo junto –, a divulgação – o povo fala mais do Peladão do que do Campeonato Amazonense. (Informação verbal)<sup>40</sup>.

No entanto, o discurso de José Luiz Carlos da Silva é permeado por um *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 2015) de aversão ao Peladão, sendo este campeonato responsabilizado por desfalcar, em termo de jogadores e público, o futebol profissional do Amazonas. Todavia, o enunciador, inserido na estrutura da política institucional do futebol profissional, reconhece tanto o maior apelo que o Peladão possui na sociedade manauara quanto o fato de propiciar maior orgiasmo

<sup>38</sup> CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor.** Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

<sup>39</sup> ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor.** Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

<sup>40</sup> SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor.** Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

que o futebol profissional. O peso simbólico da barca e tudo que ela envolve, mobiliza a vida comunitária e produz territorialidades, bem como disputas no plano simbólico em torno das melhores barcas oferecidas na cidade. Segundo José Carlos Pereira Cavalcante, as barcas são fatores de decisão entre os participantes para se inscrever em uma equipe ou em outra.

Quando os atletas vão fazer parte, vão assinar – porque aqui a gente tem uma ficha de inscrição [...]. Quando a gente vai assinar essa ficha, que eu também faço parte dessa ala, dessa grande quantidade de atletas, a primeira pergunta que a gente faz: “Vai ter barca?”. Então, essa é uma pergunta inicial e inevitável por parte de cada atleta. (Informação verbal)<sup>41</sup>.

A importância da barca é observada também nos nomes de alguns times que, nos planos simbólico e discursivo, valorizam a barca e seu *ethos* tanto quanto ou mais do que a competição esportiva. Alguns exemplos são: Barca Combinada de Santa Luzia, Barcka FC, Movidos a Álcool FC, Os Caça Barca/Amigos da Nonata, Uma Garrafa e Meia FC Master (RELATÓRIO, 2008). Além de as barcas e seus elementos serem aludidos simbolicamente nos nomes de algumas equipes, este ritual trágico-dionisíaco se conforma também como oportunidade da criação de novas tribos, da fundação de novos times. José Carlos Pereira Cavalcante relata que o Apolo Clube, time do qual é fundador e dirigente e que disputa quatro categorias do Peladão, foi criado há mais de 20 anos, por amigos, em uma barca.

O Apolo, realmente, nós criamos numa barca. Nós estávamos numa barca depois de uma pelada... Nós fomos numa barca e aí a gente disse: “Pessoal, vamos formar um time pra botar no Peladão?”. Tudo nasce em prol do Peladão. E quem não quer jogar Peladão? Você espera como Copa do Mundo. Você espera o ano todo pra disputar o Peladão. [...]. Então, nós estávamos reunidos lá na rua, onde costumávamos nos reunir pra tomar uma cervejinha e comer um churrasco, e formamos um time pra entrar no Peladão. Isso aconteceu no 1º de janeiro, na pelada de final de ano, 1º de janeiro de 1988, ou seja, o Apolo fez 20 anos agora no 1º de janeiro de 2008. (Informação verbal)<sup>42</sup>.

Se, por um lado, a barca constrói tribos e territorialidades de pertencimento, por outro, também cria estruturações identitárias de exclusão. Isto porque, normalmente, as barcas são exclusivas a um time, ou seja, é incomum que dois times se confraternizem na mesma barca. José Virgílio de Melo Albuquerque explica que os adversários nunca compartilham da mesma barca: “Os times fazem a barca separados, na verdade. Os times todos... As barcas dos times são sempre separadas, nunca é junto, sempre é separado” (Informação verbal)<sup>43</sup>. Virgílio fala de um lugar de um jogador que disputa o Peladão por grandes times, que congregam uma comunidade muito grande, sendo realmente improvável que compartilhem suas barcas com os adversários, mesmo que

<sup>41</sup> CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>42</sup> CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>43</sup> ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

estes façam parte de seu bairro. Entretanto, ao discursar de um lugar de dirigente de time e de liga de bairro, José Carlos Pereira Cavalcante afirma que a barca carrega a condição de congregar participantes de equipes adversárias, sobretudo quando são do mesmo bairro.

Essa união, essa integração que tem no Peladão, não só da equipe e às vezes até do adversário, vai pra barca do adversário no mesmo dia e vice-versa, às vezes se confraternizam no mesmo local, na mesma hora e todos aqueles empurões, xavecos, pancadarias durante o jogo, tudo aquilo é esquecido, se integram na hora da barca, que muitas vezes é feita no mesmo local. Isso na primeira fase, pelo menos, quando você joga dentro do seu próprio distrito [termo usado oficialmente pela organização do Peladão para designar a divisão de Manaus em setores geográficos], na sua própria área. Na segunda fase em diante, onde eles se distanciam um pouquinho mais, é mais difícil de acontecer, porque o pessoal da Zona Leste joga na Zona Norte e vice-versa e eles têm se deslocar. E, geralmente, fazem a barca na sua sede. (Informação verbal)<sup>44</sup>.

Apesar do *ethos* discursivo otimista, José Carlos Cavalcante admite que as barcas reunindo e integrando dois times se torna mais difícil à medida que o campeonato deixa de ser disputado nos distritos, ou seja, a partir da segunda fase do Peladão. Já Sérgio Paulo da Silva enxerga dificuldade de realização das barcas entre mais de um time, inclusive do mesmo bairro, devido à rivalidade existente entre as equipes, fomentada pelos campeonatos de bairro e pelo próprio Peladão.

Quase sempre cada um pro seu lado. Não são de fazer esta reunião depois do jogo não. Até porque, como eu digo, tem sempre aquela rivalidade nos bairros. E quando é bairro contra bairro, eles já deixam, no lugar onde eles moram, tudo preparado. Então, acabou o jogo, eles já vão lá pra o que eles chamam de barca. [...]. Então, é quase sempre em um local diferente. Então, eles participarem junto, é muito difícil. Muito difícil mesmo. (Informação verbal)<sup>45</sup>.

Se as barcas fazem parte da prática social (do futebol) cotidiana do Peladão e são realizadas após todos os jogos, as ocasiões especiais – como conquistas de título – exigem celebrações orgiásticas à altura da importância simbólica de se vencer o Peladão. José Virgílio Melo Albuquerque, que já conquistou o troféu do Peladão quatro vezes como jogador, explica que a comemoração do título é feita a partir de um calendário de celebrações: “Quando ganha o título é festa atrás de festa. É festa depois do jogo, é festa no outro final de semana. Sempre marcando festa pra não esquecer esse título” (Informação verbal)<sup>46</sup>. Estas celebrações confirmam o caráter hedonista, trágico e dionisíaco que possui o espaço de representação do Peladão. Esta instância da espacialidade, portanto, congrega elementos simbólicos tanto do torneio de futebol quanto dos concursos de beleza e das práticas e relações sócio-espaciais da trialética da existência pós-moderna. São formadas, portanto, uma diversidade de redes sócio-espaciais no espaço de representação do Peladão.

<sup>44</sup> CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

<sup>45</sup> SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

<sup>46</sup> ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

## **Considerações finais**

A partir da análise das entrevistas, foi possível constatar a centralidade da barca no universo simbólico do espaço de representação do Peladão, mas também que há outros aspectos importantes na integração socioesportiva promovida por este campeonato. Podemos destacar as ações oficiais, como o Sopão e a Campanha “Faça uma Criança Sorrir”, que apesar de promovidas pela organização do Peladão, se conformam a partir da centralidade subterrânea e da proxemias (MAFFESOLI, 2004; 2006). Porém é necessário também ressaltar as relações espontâneas promovidas no espaço de representação do Peladão, como o intercâmbio entre equipes, comunidades e bairros.

A barca, além do jogo (e eventualmente mais que ele), poder considerado o principal momento de presença (LEFEBVRE, 2006) não apenas do espaço de representação do Peladão, mas também da vida cotidiana manauara, pois combina o universo simbólico do futebol com a celebração do estar junto, em uma das mais acabadas montagens mitológicas trágico-dionisíacas (MAFFESOLI, 2003). A combinação entre festa, bebida, comida e futebol não é propriamente uma exclusividade das barcas do Peladão, mas neste espaço de representação esta combinação se dá em um contexto singular, constituindo territorialidades peculiares. Isto porque a barca ocorre, ao mesmo tempo, atrelada ao fato futebolístico e independente do resultado deste; para comemorar a vitória ou lamentar a derrota, mas principalmente, para celebrar o estar junto, a vida comunitária.

Se este artigo tem como limitação a apreensão das formas sociabilidade e territorialidades do espaço de representação do Peladão, através de pesquisa de campo, há mais de 15 anos, ao adotarmos uma abordagem regressivo-progressiva (LEFEBVRE, 2013), podemos lançar questões sobre o contexto atual do nosso objeto. Algumas delas são: a barca e as outras formas de integração socioesportiva se enfraqueceram com a diminuição do número de times do Peladão? Esta prática migrou também para outros contextos e práticas sociais do futebol seja profissional (houve o crescimento do Amazonas Futebol Clube) quanto amador (a Central Única das Favelas anunciou que, a partir de 2025, Manaus passará a receber a Taça das Favelas, campeonato de alcance nacional)? Houve mudanças nas formas de sociabilidade no espaço de representação do Peladão (como incorporação de novas práticas e alterações ou até supressão de antigas)? E, em caso afirmativo, que territorialidades estas mudanças promovem? Estas e outras questões só serão respondidas com novas pesquisas sobre o Peladão e sobre o futebol amador, objeto ainda pouco explorado pela Geografia, que, ao se debruçar no futebol (amador), pode fornecer grandes contribuições para o entendermos como elemento constitutivo da espacialidade nas cidades e no cotidiano dos brasileiros.

## Referências

A CRÍTICA. **Caderno Especial Peladão.** 17 out. 2028 a 03 jan. 2009.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão:** formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

GALLEGU CAMPOS, Fernando Rosseto. **Uma geografia do futebol amador: espaços de representação do futebol amazonense a partir do "Peladão".** 359 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/21462?show=full>>. Acesso em 11 ago. 2025.

GALLEGU CAMPOS, Fernando Rosseto. Modificações nos espaço percebido, concebido e vivido em Chapecó-SC devido à Associação Chapecoense de Futebol no período de 2014 a 2016. **Geosul**, Florianópolis, v. 33, n. 68, p.366-394, set./dez. 2018a.

GALLEGU CAMPOS, Fernando Rosseto. O conceito de espaço de representação do futebol como possibilidade para a apreensão do futebol profissional e amador como fenômenos da espacialidade. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 1-13, 2018b.

GAZETA DIGITAL. **Peladão 2024 terá 204 jogos na primeira fase; confira tabela.** Disponível em: <<https://www.gazetadigital.com.br/editorias/esporte/pelado-2024-ter-204-jogos-na-primeira-fase-confira-tabela/757826>>. Acesso em 03 jun. 2025.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia. In: **I Encontro Sul-Brasileiro de Geografia**, Curitiba: AGB, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **Critique of everyday life – volume 1:** introduction. London: Verso, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia:** contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio.** Madri: Capitán Swing, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade:** o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno:** o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAINIGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso.** São Paulo: Parábolas, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2015.

PELADÃO. **Classificação das equipes na 1ª Fase**. 2024a. Disponível em: <<http://peladao.acritica.com/conClass.asp?torneio=1&fase=1>>. Acesso em 03 jun. 2025.

PELADÃO. **Regulamento Geral Peladão 2024 – 51**. 2024b. Disponível em: <<http://peladao.acritica.com/regGer2024.asp>>. Acesso em 03 jun. 2025.

PELADÃO. **Relatório do XXXVI Campeonato de Peladas do Amazonas**: Peladão 2008. Manaus, 2008.

SHIELDS, Rob. **Lefebvre, love and struggle**: spatial dialectics. London: Routledge, 1999.

SOJA, Edward William. **Thirdspace**: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Oxford: Blackwell, 1996.

TAMBURRINI, Claudio M. **¿La mano de Dios?**: una visión distinta del deporte. Buenos Aires: Continente, 2001.

## Entrevistas

ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

CAVALCANTE, José Carlos Pereira. Entrevista ao autor. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

SILVA, Sérgio Paulo Fernandes. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.